

ORAÇÃO DE CRISTO (1)

Pe. R. Alberto Braun, S. J.

O fato de que Cristo rezou, rezava e reza atestam-no os Sinóticos, João, as Epístolas aos Romanos e aos Hebreus. Anotam quando e como rezava. Até orações expressas dele nos conservaram. Menciona-o Mt três vezes, Mc quatro, item Jo; Lc, evangelista da oração, onze vezes. Trata-se para Lucas dum fato real na vida de Cristo, observa H. Greeven (2).

Por mais pessoal e original que tenha sido a oração de Cristo, não deixa ela de inserir-se na imensa, profunda e viva corrente de oração do povo de Israel, como sendo não só continuidade, senão cumprimento, superação e até ruptura, quando se atenta ao "efápax": uma vez por todas, que caracteriza tanto a mensagem como também a sua oração (3).

O A.T. legou-nos uma oração que se distingue nitidamente da oração dos pagãos (4), pois não é um mero homem a dirigir-se a uma divindade, sim, o israelita a voltar-se ao Deus da Aliança, Deus único e eterno, onipotente e pre-

sente, Criador do mundo e dos homens, pai do povo eleito, sempre misericordioso e fiel à aliança. Cristo orante pratica esta oração de modo exímio e único.

O saltério e os demais cânticos dispersos nos livros sacros descrevem o drama histórico da salvação. Cristo será seu ator principal.

Sob forma de meditação o israelita que reza, condensa com fé existencial, não abstrata, dogmática, toda a experiência do "Deus conosco, Immanuel" no decurso da história, filigranado de tantos e tão diversos altos e baixos espirituais, morais e nacionais.

Não estranha constituírem os Salmos um como centro de gravitação da vida de oração de Cristo. Conhece-os desde pequeno: no culto das sinagogas, nas cerimônias do templo — não o freqüentava com os pais na festa da páscoa (5) — eles formam a prece por excelência da assembléia do povo de Deus que glorifica, agradece, pede perdão e implora bênçãos ao Deus da Aliança. A Satanás que o

(1) Sobre este tema, cf A. Hamman, *A Oração*, Coleção "Oração e Ação", nova série 1 9-35, 1972, S. Paulo.
W. Marchel, *Abba, père, la Prière du Christ et des Chrétiens*, *Analecta Biblica* 19 A. Roma, 1971, 99-167, com ampla bibliografia. Item, *Vida Espiritual* 32, 1971, 77-84.

(2) Th. W. K. II, H. Greeven, 802: Quanto ao que refere Lc a respeito da oração de Jesus: "... "Sicherlich mehr als literarisches Motiv".

(3) Hamman A., *A Oração*, o. c. 10, 14, 16, 33

(4) Spadafora, Fr., *Diz. Bíblico*, Roma, 1957. 470; Th. W. K. II, J. Herrmann, 787 ss

(5) Lc 2, 41

tenta, aos judeus que o questionam, replica com citações de salmos (6).

No rito das ceias pascaís, na última ceia canta salmos relacionados com a libertação histórica do povo eleito, libertação tipo da história salvadora de toda a humanidade; coroam-nos as estrofes da segunda parte do Hallel (7).

No Horto, sua oração lembra o Sl 41, 6.12 (8). Na cruz, segundo Mt 27, 46 e Mc 15, 34, clama, já agonizante o brado lancinante de sofredor abandonado por todos do Sl 21, 2. Na oferenda da tarde, o sumo sacerdote recitava este Salmo (9). Lucas, 23, 46 escreve que se abrem os lábios do Crucificado em tremendo esforço, exclamando em alta voz, para expressar pêlo verso do Sl 30, 6, a total entrega e doação nas mãos do Pai.

Cristo, recitando os Salmos, foi quem com maior perfeição os rezou, por cumpri-los, vivê-los, torná-los ato, pois os fez culminar na plenitude absoluta, consumada da Nova Aliança, no "semel in perpetuum" profetizado por Jeremias, lembrado na Epístola aos Hebreus (10). Viveu-os justamente pela doação total de sua humanidade, que representa e simboliza o gênero humano — ao Deus de santidade e amor. Esta doação, imolação, feita em atitude orante, implica no arras e penhor seguro, eterno de

nossa salvação; "semel in perpetuum", ato supremo, único do Cristo sacerdote que fundamenta a "actio eucharistica" (11).

Deu-nos Cristo em sua vida o exemplo de oração comunitária e pessoal, porquanto "a oração era a alma do seu ministério messiânico e pascoal" no dizer de Jaramillo (12).

Leva-nos isso a perguntar: Quando e como praticava ele a oração? "Entrando no mundo...", como consta da Epístola aos Hebreus, i. é, desde o momento da Encarnação, segundo Spicq, Médebielle, Kuss (13), o Messias pronuncia as palavras do Salmo 40, 7—9, qual prece ao Pai, a quem oferece obediente, feito redentor-vítima, a vida toda, sobretudo o momento da imolação cruenta, mas obediência conscientizada, manifestada e sustentada, já desde o início, durante a vida e na morte PELA PRECE (14).

Observa Feine por seu turno: A oração de Jesus visa tão somente reforçar a obediência salvífica; nada pede que não tenda ao cumprimento da missão salvadora (15).

Reza o judeu piedoso ao menos duas ou três vezes (16) ao dia o Sema: Deut 6, 4—9; 11, 13—31; Num 15, 37—41. Tê-lo-á feito também Cristo (Ex communibus contingentibus!).

(6) Mt 4, 6; 21, 42; Jo 10, 34

(7) Hallel (egípcio) são os Sl 113—114, 1.ª parte; 115—118; cf. Mc 14, 26; Mt 26, 30; K. Staab, *Echter-Bibel*, 83, Würzburg, 1957; S. Raponi, *Diz. Bibl.* o. c. c. 317. No caso de se servir quinto cálice, seguia o grande Hallel, Sl 119-135

(8) Mc 14, 34, Sl 41 (Hbr.)

(9) Hamman, *A Oração*, o. c. 13, 15

(10) Jr 31, 31; Hb 8, 6 s; efapax: Hb 7, 27; 9, 12; 10, 10

(11) Hamman, *A Oração*, o. c. 15

(12) Vida Espiritual, 36, 1972, 47, A. U. Jaramillo; cf. *Instituti Generalis de Liturgia Horarum*, n.º 4, *Officium Divinum*, Roma, 1973

(13) Hb 10, 5. Cf. La S. Bible (de Jerusalém) 52, Paris, 1950. — Idem, *L'Épître aux Hébreux*, II, 304, Paris, 1953. — R. P. Médebielle, *La S. Bible*, Pirot/Clamer XII, 342, Paris, 1951; O. Kuss, *Regensburger — Bibel*, 53, 1953

(14) Spicq, *Ep. aux Hébreux*, o. c. 133

(15) Feine, *Theologie des N. T.*, 39, Berlim, 1953

(16) Th. W. K. 82

E antes das refeições louva ao Criador e lhe agradece os benefícios. Fê-lo, outrossim, Cristo; como o atestam os Evangelhos: Na multiplicação dos pães, Mt 15, 36; na última ceia, Lc 22, 19; ante os discípulos de Emaús, Lc 24, 30.

Abre a vida pública com o batismo, para se cumprir toda justiça: a vontade do Pai. Aponta-nos, porém, Lc 3, 21: tendo sido batizado, pôs-se em oração. E, enquanto ora, ocorre a teofania trinitária, a qual o consagra como autêntico Servo de Javé.

A solene proclamação da missão messiânica, afirma Hamman (17), manifesta-se como resposta sensível do céu à oração silenciosa de Cristo. Retira-se, em seguida, a impulso do Espírito (Santo), Mc 1, 13, para a solidão do deserto, "por entre feras", afastado de todo convívio humano, onde jejua quarenta dias e noites, se prepara para a missão salvadora (18), meditando e aceitando a quenose dela; submete-se à vontade do Pai, que assim quer ser glorificado, Jo 3, 15-16; 17, 1-2: mistério a causar "tentação" Hebr 2, 18 a Cristo, a apelar para seu heroísmo — mártir: Lc 4, 13/22, 39 ss; Jo 12, 27 ss; diz desde já, antes repete o fiat da Encarnação em relação à cruz, no mais íntimo diálogo com o pai, REZANDO (19).

De Mc 1, 35; Lc 5, 16, sem lembrar outros muitos textos, conclui-se que necessidade pessoal, secreta, poderosa impelia Cristo a dedicar horas e horas à oração: Após intenso trabalho "apostólico", curada a sogra de Pedro, não deixa nascer o sol (prof, no texto original) (reforçado por ennyxa, lían), sem de-

mandar lugar ermo no qual se possa dar ao colóquio com o Pai e demorar-se nele. Na afirmação de Lc 5, 16, apesar da extenuante evangelização, tornara-se hábito (20), costume dele fugir do convívio buliçoso da turbamulta, tumultuando por ouvi-lo e ser curada, para entreter-se a sós, no silêncio matinal, até ao nascer do sol, com o Pai.

Conforme relato bíblico, levanta em atitude de prece, ante o povo, os olhos ao céu, ao agir como taumaturgo ou sacerdote orante: Mc 7, 34; Mt 14, 19; Jo 17, 1.

Recorre à oração nos momentos de graves decisões, capitais para a organização, o futuro da igreja, como a consultar-se com o Pai, a submeter a sua decisão à vontade dele ou a receber submisso a sua injunção, implorando, intercedendo por bênçãos.

Na escolha dos Doze, passa a noite em oração, num monte, lugar de teofanias e comunicações divinas no A. e N. Testamento, Lc 6, 12. Na confissão de Pedro em Cesaréia F., Lc 9, 18, reza a sós pela firmeza da fé dos apóstolos. Ele os provará. Pedro, iluminado pelas revelações de Deus, fruto sem dúvida da intercessão do mestre, confessa a messianidade de Cristo, como ao depois na Paixão deve a conversão e a firmeza na fé, às preces de Jesus, Lc 22, 32.

Às vésperas da promessa eucarística, em Cafarnaum, sobe sozinho a um monte, "para rezar", Mt 14, 22; Jo 6, 15. Dura prova provocariam as palavras sobre o dom eucarístico entre os ouvintes;

(17) Hamman, A Oração, o. c. 16

(18) Spadafora Fr., Diz. Bíblico, o. c. 575; S. del Páramo, 45, B. A. C., N. T. 45,

Madrid, 1961; G. Ricciotti, Vida de Jesus, 280-288, Coimbra, 1963.

(19) J. M. Gonin, Vida Esp. 32, 1971, 53

(20) Hamman, A Oração, o. c. 18

muitos judeus, até discípulos vacilariam. E se mesmo os Doze o abandonassem?! Mas pô-los-ia ante a alternativa: Crer nele ou afastar-se dele! — Foi, porém, a um monte rezar por eles.

Na transfiguração, prolongamento da cena teofânica do batismo (21), é, ao rezar, aponta Lc 9, 29, que seu rosto toma aspecto diferente, indicando que devido à oração se condicionou e originou a transfiguração (22).

A instituição da Eucaristia transcorre num ambiente de oração, segue-a a sublime prece sacerdotal, Jo 17, 1—26, jóia ao mesmo tempo da mensagem mais rica e profunda jamais pronunciada por lábios dum profeta ou do próprio Mestre.

Sobre a caminhada lúgubre para o supremo sacrifício projeta-se a luz do insistente orar, submisso e longo, sanguíneo e agonizante do horto, do Calvário, altar de propiciação, Hebr 5, 7.

Cuidamos, quicá, ter-se encerrado a vida de oração de Jesus, ao entregar o espírito nas mãos de Deus. Engano.

Refere Lc 24, 30 que os discípulos de Emaús reconheceram o Ressuscitado, ao abençoar os pães da refeição; de mãos levantadas, subentende-se. Do mesmo modo, implorando e derramando bênção poderosa sobre os discípulos, sobe aos céus, Lc 24, 50; At 1, 10. Que sugestiva a imagem de Cristo, conservada na retina dos apóstolos: abençoando, rezando, desaparece desse mundo em definitivo, para ingressar na glória do Pai. Não saíra dela para ingressar nesse mundo rezando — na Encarnação?

Tem-se agora enfim encerrado a vida de oração de Jesus? Atendendo ao versículo Lc 24, 51, parece surgir evidente a conclusão de que a sua prece acompanhará os apóstolos pregando a sua mensagem, como os acompanhara, ouvindo-a. Com efeito, a sua função de orante e intercessor perpetua-se na glória do Pai. Paulo não hesita em asseverar, Rm 8, 34: O Cristo que morreu e ressuscitou, está à direita de Deus a INTERCEDER por nós. Da mesma maneira afirma-se na Epístola aos Hebreus 7, 24—25: Visto ser eterno o seu sacerdócio, pode ele salvar os que recorrem a ele: sempre vive deveras para interceder por nós (Vg; pelos mesmos, Gr). Comenta Spicq (23) esta passagem do seguinte modo: A razão da ascensão e presença junto ao Pai na glória parece, é de poder exercer, sacerdote eterno, seu múnus de mediador e intercessor a nosso favor. Advogado, defensor nosso, intitula-o 1 Jo 2, 1: Se alguém pecar, temos por advogado junto ao Pai a Jesus, o Cristo (24).

Abordamos agora a maneira de rezar de Jesus. Deduzimo-la, sem devassar o mistério da íntima comunhão com o Pai, conseqüência da comunhão hipostática, de orações pessoais expressas, conservadas pelos Evangelistas e do Pai Nosso.

Mt 11, 25—26, Lc 10, 21: É solene ação de graças, ao retornarem os 72 discípulos de sua missão. Mt entrosa a passagem no texto como a formar contraste o aceitarem a boa nova os pobres, humildes e simples de coração e o rejeitarem-na os sábios e entendidos desse mundo.

(21) Hamman, *A Oração*, o. c. 19

(22) Hamman, *A Oração*, o. c. 19

(23) Spicq, *Ép. aux hébr.* o. c. 198

(24) Jo 14, 14. 16

Mc 14, 35; Mt e Lc no texto paralelo: A súplica veemente na agonia do horto. Alude a ela Hbr 5, 6—7 a comemorar ter sido feita "com grande brado, com lágrimas, preces e súplicas" (Spic, Hamman). João, conforme vários autores, antecipa-a cronologicamente em Jo 12, 27—28. Lc 23, 24: pede perdão para os esbirros que o pregam à cruz.

Mc 15, 34; Mt 27, 46: Em suave queixa exprime seu total abandono espiritual. Lc 23, 46: Sela sua carreira mortal, entregando nas mãos do Pai o espírito.

Acrescentando Jo 11, 41—42, temos a ação de graças feita junto ao tmulo de Láúzaro. Mais a grandiosa oração sacerdotal Jo 17, 1—26. Interpretam-nas sucintamente Hamman e Marchel (25).

Tanto nos Sinóticos quanto em João se salienta traço característico comum a todas estas orações expressas de Jesus — e ao Pai Nosso, ao menos na recensão lucana. Invoca a Deus como Pai, não de qualquer forma, por exemplo, como os judeus o invocam, mas de ABBA-Pai (26). Deparamos com o termo Abba na boca de Jesus 44 vezes em Mt, 5 em Mc, 17 em Lc e 111 em Jo. Vejamos que lição tirar desse fato.

As religiões pagãs, também dos povos primitivos e o monoteísmo do povo eleito designam a Deus de Pai. Heiler ousa afirmar: A relação de filho para com Deus como Pai na oração é fenômeno religioso

primitivo. Inclui e expressa, seja a soberania absoluta da divindade sobre a humanidade, propriedade sua com ter de lhe prover a subsistência; seja a nossa submissão à sua autoridade e vontade inquestionáveis. Israel chama a Deus de Pai (27), vistos o fato positivo da eleição e a sua missão sobrenatural. Concebe, porém, a Deus mais como Pai misericordioso e fiel do POVO como tal, Sl 117, 2, do que como Pai deles, de cada um, individualmente, e acentua a soberania divina, respectivamente a submissão total deles. O exílio desenvolve a piedade do israelita que chega a dirigir-se a Javé, apelidando-o de "Senhor e Pai, mestre de minha vida", Ecl 23, 1.4; Sab 2, 6; 14, 3. Na literatura pós-exílica e rabínica encontramos até "Pai nosso que estás nos céus" (28).

Jesus, abeberado na piedade vetero-testamentária, revela-nos, sim, Deus-Pai transcendente, soberano Senhor do povo eleito e de toda humanidade, sem poupar exigências morais, pessoais, radicais; faz, porém, recair o acento no Pai-Deus, bondade e ternura incomensuráveis para todo homem, explicitam Schürmann, Jeremias J., Bonsirven, Greeven (29).

Volta-se, pois, Jesus a Deus como Abba, forma aramaica, não abinu, Pai nosso (do povo eleito, forma hebraica; abunan na forma aramaica) nem abi, meu pai, forma hebraica, apelação raríssima então de cunho e eco solene, litúrgico, com sentido semelhante ao de abinu. O termo Abba, sem paralelo

(25) Hamman, A Oração, o. c. 25 ss; Marchel, Abba, Père, o. c., 194

(26) Hamman, A Oração, o. c. 20; Bonsirven, Théologie du N. T., 129, c. bibliogr. 128, Paris, 1951; Marchel, o. c. 85 ss; 99—123.

(27) Is 1, 2; 43, 6; 45, 11; 63, 10; Os 11, 1, Ex 4, 22; Deut 32, 6; Mal 1, 6

(28) Hamman, o. c. 23; Marchel, o. c., 21

(29) H. Schürmann, Das gebet des Herrn, 17—22, Freiburg i. Br., 1957; Greeven, Th. W. K II, 803; cf. Hamman, o. c. 24—25.

nas orações de época (30), condensa e externa a ternura, a confiança, o aconchego filiais com que a criança em sua língua materna saúda, invoca o pai e lhe pede algum favor. Equivale a "papai", "Querido Papai". Não se conota com Deus como mero nome, a exemplo das orações judaicas com respeito a abinu, mas revela a essência de Deus, 1 Jo 4, 8. 16, a qual Cristo nos revelou consoante todo o evangelho. Abba indica diretamente a paternidade divina real, sobrenatural, infinitamente amorosa e a recíproca filiação todo confiança e amor (31), cumprimento das promessas, mensagem central do Novo Testamento.

Para Jesus mesmo lembra a filiação metafísica, para nós a filiação adotiva sobrenatural.

Revolucionou (32), pois, Cristo, a oração com o Abba; inicia-se era nova de rezar; não é mover de lábios, recitar de fórmulas, mas diálogo de coração, rico e pleno de espontaneidade, repleto do que é imanente e pessoal ao eu humano — amor e presente a um amor — amor infinito — que pede reciprocidade, intercâmbio filial, misterioso dum ser finito que se sente filho, pela fé, pela graça, pela justificação com a divindade transcendente, numa comunhão total de vontade. Imitando a Cristo, ensinado por Cristo (Schürmann 33), impelido pelo Espírito, o Cristão em Roma, o Fiel na Galácia — e não nas outras comunidades cristãs, paulinas ou não, onde o Espírito de Jesus se derrama nos corações? — reza, pede, adora, sofre, rejubila, tendo nos lábios o

Abba-Pai: Rom 8, 16—17; Gol 4, 5; Jo 1, 12; 1 Jo 3, 1—2. Segundo traço típico das orações de Cristo consiste em ressaltar que a vontade de Deus lhe é, à sua alma orante, soberana. Cumpra-se em tudo e sempre a vontade do Pai. Mc 14, 36 indica-o apesar de tristeza mortal invadir seu ser: Abba-Pai, não como eu quero, mas como tu queres. Cumprir com a missão de que o encarregou o Pai, glorificar-lhe o nome, conformar-se com o beneplácito divino, não fazê-lo conformar com o seu próprio, salvar a humanidade à custa sua, i. e, que ela conheça, reconheça, receba e goze enfim a paternidade divina: eis o ponto de gravitação em suas orações, seus pedidos, clamores e suas lágrimas, Hebr 5, 7. Fama, sofrimentos, morte cruenta não contam. "Santificado seja o teu nome, venha o teu reino, faça-se a tua vontade". Expõe magistralmente Fr. Lepargneur em "Esboço de uma teologia da oração" (37) que desse traço típico da atitude orante de Cristo jamais pode carecer a oração do cristão.

Terceira característica da oração de Cristo salienta a confiança irrestrita que deposita na bondade, sabedoria, providência divinas, traço que o Mestre tanto encarece para o nosso orar, Mc 11, 24; Mt 17, 19; 21, 21—22.

Não explica esse modo de encontro pessoal com o pai a fome de oração de Cristo, a sua assiduidade perseverante e insistente na prece? E sua força de vontade, coragem sobre-humana em realizar o plano salvífico?

Bateu, procurou, pediu, Mt 7, 7; Lc 11, 9, por luz e força; obteve-as.

(30) Schürman, o. c., 19

(31) Schürmann, o. c., 19; Marchel, o. c. 165; 170 ss

(32) Citado por Hamman, o. c. 33

(33) Marchel, o. c. 170

(34) Fr. Lepargneur, A Oração, o. c. 63-115

Nas tentações do deserto rebateu as propostas de Santanás e aceitou a quenose: rezara. No Horto, prostrado de joelhos, agonizou ante a expectativa da cruenta imolação iminente; orou uma, duas, três vezes: levantou-se, enfrentou os lacaios e esbirros do Sinédrio. No sofrimento e abandono da crucifixão invoca o Pai: supera-os. Que conclusão importa tirar do fato de Cristo, sentir-se urgido a procurar continuamente, a sós, também em público a presença, o colóquio, a comunhão pessoal com o Pai, máxime nos momentos mais difíceis, cruciais de sua vida, nas horas culminantes da história da salvação?

De Cristo ter buscado e encontrado nesse diálogo, nessa comunhão com Deus luz e força, seja para conhecer, ver a vontade do Pai, seja para poder realizar quanto Deus exigia dele? De ter, demais, insistido em palavra direta, em parábolas, orássemos também nós?

De ter rezado ao Abba-Pai, de nos ter ensinado a crermos na amorosa paternidade universalmente salvadora de Deus — ensino que constitui a "verdade" por antonomásia de sua revelação; de ter-se declarado exemplo a imitar; de termos ensinado conforme Lucas a nos dirigirmos, na oração, a Deus, balbuciando, clamando, Rom 8, 16s; Gal 4, 5, Abba-Pai?

Tome-se ainda em conta Ef 4, 11—13: Alguns somos apóstolos, outros profetas, outros evangelistas, outros pastores e mestres, para o aperfeiçoamento dos fiéis, a serviço deles, para a edifica-

ção do Corpo de Cristo, até que todos eles e nós cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do filho de Deus, à perfeita varonilidade, segundo a medida da idade completa de Cristo.

Segue, sem dúvida, que rezar pertence essencialmente ao "ser cristão", ao ser dum filho de Abba-Pai-Deus; que somente reza de maneira cristã autêntica quem vive na e da Fé do Cristo Revelador da VERDADE: Deus é Abba-Pai e de coração sincero procura este Deus, querendo possuir a caridade do "Ser Cristão" que o Espírito Santo difunde no coração e possuído dela é movido pelo mesmo Espírito a rezar. É idéia — luz de Paulo que afirma peremptório: Apenas sabemos o que rezar e como rezar, iluminados e impelidos pelo Espírito Santo. "E então entramos em comunhão com o Abba-Pai, Rom 8, 26—27 (35).

A oração cristã, por conseguinte, parte dum coração que crê, que tem a consciência pelo Espírito Santo que lhe foi dado — que é deveras FILHO dum Abba-Pai-Deus e que vasa no diálogo com ele toda confiança e todo amor filiais, à semelhança e imitação de Cristo, seu filho Unigênito.

Quanto mais, por isso, brilhar em nós a luz duma viva fé-vida, quanto mais dinâmica for em nós a ação do Espírito Santo, tanto melhor, mais autenticamente, mais eficazmente conseguiremos rezar, a exemplo de Cristo e realizar em nossa vida os planos divinos a nosso respeito para a maior glória de seu nome.

(35) J. M. Bover, San Pablo maestro de la vida espiritual, 247—254, Barcelona, 1955.

A notar ainda que Jesus em Mc 15, 34; Mt 27, 46 exclama "Eloi/Eli" e não Abba, é porque são palavras do SL 22, 2 (hebr.)